

III Simpósio de AD - “emoções, ethos e argumentação”

Seminário Temático: Psicanálise e AD

Título do Resumo: **O discurso da Histérica e a aprendizagem como objeto causa do desejo**

Maralice de Souza Neves, UFMG – Anais do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso

Resumo:

A partir de meu lugar na LA e no interesse pela AD atravessada pela teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (Teixeira, 2003), tenho tratado questões do âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, da avaliação de aprendizagem e da formação de professores. É nesta última que ancorei a discussão aqui proposta e tomo partido da possibilidade que a AD em sua terceira fase nos abre para a noção do sujeito falante ou falasser (parlêtre). Para Pêcheux (1990), há a insistência de um além interdiscursivo, cujo controle escapa ao sujeito. Em Lacan, o sujeito se vincula socialmente através do uso da linguagem, via discurso, mudança de posição subjetiva, na concatenação metafórica e metonímica dos significantes. É sujeito também do desejo, segundo Lacan, quando diz, entre 1969-70, que o que leva ao saber não é o desejo de saber, mas sim o discurso da histérica (Lacan, 1992). Este é o discurso que interroga o mestre (em seu saber-verdade) e abre para a instituição de outro saber (este que não se sabe, porque inconsciente). No discurso da histérica o sujeito-professor “opera a partir de suas próprias questões (\$) visando tocar o outro em sua relação mais fundamental com o significante (S1) para que ele (o aluno) produza, a partir do ensino, um saber que é dele (S2)” (Ribeiro, 2007), ou seja, que “produz saber sobre a sua própria divisão como sujeito” (Riolfi, 1999, p. 221). É, portanto, segundo Riolfi (op. cit, p. 213) o ponto de chegada das rotações discursivas na formação do professor de línguas, produção “inventiva e renovadora”, fora do contexto de uma análise pessoal.

“Qualquer discurso tem efeitos no mundo” e é assim com o discurso lacaniano, diria Fink (1998, p. 159). Um determinado discurso facilita certas coisas e dificulta outras e permite que algumas sejam vistas enquanto outras não. É assim com a proposta de Lacan para o que ficou denominado “os quatro discursos”: o do mestre, o da universidade, o da histérica e o do analista. O que Lacan quis apontar é que praticamente em qualquer campo ou práxis, “discursos diferentes são ajustados para momentos diferentes, e em contextos históricos, sociais, políticos, econômicos e religiosos diferentes.” (Fink, op.cit.,p 175). Não pretendo fazer uma preleção dos quatro discursos, mas discutir questões que a mudança de posição subjetiva pode levar ao se passar do discurso do mestre ou do discurso da universidade para o discurso

da histórica no contexto onde a AD e a psicanálise se atravessam em minhas elaborações sobre formação de professores. Lembramos que os discursos não são parados. Eles giram e seus efeitos predominantes acontecem em momentos de “apreensão”.

A partir do segundo momento da AD, já na elaboração de 1975, (Pêcheux e Fuchs, 1990), Pêcheux ainda se identifica com o mestre Althusser e, fazendo uma leitura da ideologia nos moldes do mestre (alienação) “esbarra no limite da reprodução dos sentidos histórica e socialmente determinados, sem ter como lidar com o aparecimento de um elemento capaz de romper com o sentido já-dado, fazendo presentificar um resto, e produzir aí uma transformação em função de supor que a identificação tem poder resolutivo sobre a questão do desejo.” (Leite, 1994, p. 136). Porém, em 1983, acontece a ruptura com o mestre (separação) no qual o sujeito é “especificamente qualificado como sujeito do inconsciente” (Riolfi, 1999, p. 93) e se depara com o fato de que a identificação **não** tem poder resolutivo sobre o desejo. Nessa elaboração, houve o reconhecimento de um Real próprio à língua; um objeto que não se escreve.

Não nos interessa, nesta elaboração, analisar o percurso de Pêcheux, mas mostrar através de alguns exemplos do percurso deste autor que, como em qualquer nível acadêmico, há alienação antes de haver separação, (Lacan em O Seminário, livro 11, 1985), ou seja, primeiro é necessária a identificação simbólica ao mestre para que se possibilite a produção de um sujeito. Nesse percurso fatalmente o sujeito se depara com aquilo que é da ordem do impossível na identificação já que o outro também é atravessado pelo Real, por aquilo que não é simbolizável. Entendo que com Pêcheux houve essa identificação necessária ao mestre Althusser para então engatilhar o movimento rumo a uma elaboração teórica na qual aparece o fracasso da mesma no encontro com o Real.

Consideremos que, de modo geral, nesse atravessamento pelo Real que sofre o sujeito falante, ou falasser (parlêtre), aquilo que falta, que não se simboliza seja nomeado objeto *a*, ou

objeto do desejo. Este é feito de palavras que são insatisfatórias porque não são todas, são metonímicas. Daí o sujeito ser falante e desejante e que, ao estar inserido na ordem discursiva, significa para a AD da terceira fase não estar todo assujeitado à ideologia, à história e ao social.

Apoiando-nos em Lacan, diríamos que o Outro da ideologia, da história e do social postulados por Pêcheux (diga-se, na psicanálise, que seja a cultura ou Pai Simbólico), é o discurso do mestre que causa um sujeito como efeito, pois é um corpo recortado por palavras, e sua maneira de estabelecer laço social. Numa estrutura básica mínima, segundo resume Quinet (citado por Cesarotto s.d., p. 26), “temos um agente que embasado numa verdade, agirá sobre alguém para se obter uma produção.” Nesse discurso, o significante mestre (S1) se dirige ao Outro que detém um saber (S2) a partir de uma demanda que traduz um desejo qualquer, mas há algo que escapa ao sujeito e que é a sua verdade (\$), a de sujeito cindido. Por isso, o que se obtém é alguma perda na produção (a), uma insatisfação, pois “não há [qualquer] produção capaz de dar conta da verdade que a causa.” (Riolfi, op.cit., p. 194, citando Lacan em O Seminário, livro 17). Desse modo, entendemos que o discurso gira em torno do objeto a , um gozo suposto ao Outro, que é o objeto causa de desejo (Carvalho, 2007, em comunicação oral). Mas, ao se dirigir ao Outro, a quem supomos um gozo, estamos nos dirigindo a um sujeito desejante, de quem procuramos repetidamente compreender o desejo (daí um movimento de retorno em circuito chamado pulsão). No Seminário, livro 11, Lacan (1985) articula a demanda à pulsão, fazendo com que o sujeito passe de uma pulsão à outra orientada pela demanda. O que se obtém dessa demanda nunca é o gozo pleno, e por isso mesmo o sujeito o procura re-atualizar.

Esta re-atualização de gozo, nada mais é do que a re-atualização do Édipo, ou seja, daquele *script* construído como o imperativo de gozo para alguém e que não funciona bem. Daí que, para que se possa projetar no futuro, o ser humano precisa se desprender do seu passado. Esta afirmação nos leva a pensar que o discurso do mestre enquanto um campo de

saber da cultura só avança se alguém consegue “descompletar” o discurso do mestre e abre para que se funde uma outra ordem. Ou seja, o discurso do mestre é passível de questionamento.

Uma inquietação própria ao sujeito que se vê diante de sua divisão, pode ser exemplificada pela inquietação que coloca Pêcheux diante de “um processo indefinido de retificações” (Maldidier, 2003, p.66, grifo da autora) que desconstrói o projeto de seu mestre Althusser procurando ir além dele em encontros intelectuais com Foucault, Lacan e Derrida. Nesse processo de retificações, entendemos que ao interrogar o mestre (em seu saber-verdade) há abertura para a instituição de outro saber (este que não se sabe, porque inconsciente). Trata-se de agir tirando proveito de sua “ingenuidade” (Riolfi, s.d. manusc.). Entendemos que esta é a posição do discurso da histórica. É o discurso que precede o universitário (ou discurso da Ciência) porque questiona o mestre antigo para instituir outro saber.

Chegamos, portanto, ao que nos move nesta difícil tentativa de elaborar o ensino na formação de professores, a partir de meu lugar na LA que interroga questões do âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, da avaliação de aprendizagem e da própria formação através de uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (Teixeira, 2003). Se partimos do ensino que se dá na escola, na especificidade da relação pedagógica onde vige o Discurso Universitário, há uma reprodução dos signos no qual o sujeito aí formado é conformado, alienado ao saber, aos mesmos significantes mestres que dão a ilusão de fazer Um. No ensino de línguas bem como em cursos de formação de professores ou de educação continuada essa idéia de unidade, totalidade está em representações, tais como, há uma determinada língua a ser ensinada, sempre haverá um método que seja o melhor e basta que o professor (ensinante) o conheça e o aluno (aprendente) se adapte a ele e há uma memória coletiva

pressuposta de que a exposição ao mesmo conteúdo e ao mesmo método produz a mesma possibilidade de aprendizagem.

Se partimos da impossibilidade de tudo saber, ou seja, do discurso da histórica, esta pode (e idealmente, deve) ser a posição do sujeito-ensinante. Este “opera a partir de suas próprias questões (\$) visando tocar o outro em sua relação mais fundamental com o significante (S1) para que ele (o aluno/aprendente) produza, a partir do ensino, um saber que é dele (S2)” (Ribeiro, <http://www.gradiva.com.br/site/scripts/manita.htm> acesso em 12/12/2007), ou seja, que “produz saber sobre a sua própria divisão como sujeito” (Riolfi, 1999, p. 221). Retomando Ribeiro (op.cit.) “a verdade em jogo no discurso do ensinante seria sua própria relação com o impossível de dizer (a) com a falta, com a castração e com o desejo”. Para ela, todo sujeito que deseja ocupar a posição de ensinante, deve tomar a posição do discurso histórico.

Espera-se como efeito dessa posição de não-tudo sair do campo da vigência da certeza, onde se sutura uma identidade numa determinada rede social. No momento da certeza, o aluno/aprendente da língua ou em formação de professor cola-se (aliena-se) “neste saber que faz semblante de poder domesticar o real (a) e [passa] a encarnar na pele o mandamento do significante mestre (S1)” (Riolfi, 1999, p. 224). Na identificação ao mestre perpetua-se o discurso do desejo da totalidade (teleológico) cuja etiqueta é, por exemplo, a do graduado em Letras, ou especialista em lingüística.

Pode haver, porém, o momento de desestabilização da certeza, quando no discurso surge o lapso, o ato falho, algo que mostra uma identificação não tão bem sucedida. Se este momento é reconhecido como tal, de modo a deixar que o sujeito fique bastante desconfiado da imagem que tinha de si próprio, é o momento em que o ensinante/aprendente, em trabalho de transferência que leva ambos os lados a perguntar “o que ele quer?”, se deparam com a sua divisão subjetiva que irrompe via algo da ordem do gozo. Abre-se a chance de histerização do discurso, momento de muita produção animada pelo impossível de tudo dizer,

que é justamente a causa que se diga. Não se pára aí, pois o funcionamento do discurso da histórica é o da insatisfação. É lugar que pode ser da criatividade e da inovação ao gerar avanços que movimentam o mundo. Entretanto, é também um discurso que ao descompletar os sentidos, nada põe no lugar deixando, portanto, mais falta do que certezas. Entretanto, é bom lembrar que os discursos giram não necessariamente em seqüência, mas causam em sua rotação um novo sujeito como efeito. Permitimo-nos dizer que o discurso do analista é que possibilita que se saia da circularidade da cola aos significantes que vem do Outro (Discurso do Mestre), da reprodução da Eu-cracia, do eu sei tudo (Discurso Universitário) ou da eterna busca do paraíso perdido (Discurso da Histórica). Falar desse discurso é considerar que o modo de organização social sai do campo da palavra, fazendo com que o laço social prescindia do entendimento, do diálogo, da comunicação e se sustente na articulação das diferenças, o que permite lidar com a angústia do encontro com o Real (Tavares, 2007, manusc.). Entretanto, preferimos, ao menos por enquanto, deixá-lo para a experiência analítica.

Referências:

CARVALHO, F.F. O objeto *a*. (palestra proferida em 06/11/2007 na FALE, UFMG)

CESAROTTO, OSCAR A. O discurso lacaniano. In: *Viver mente e cérebro: coleção memória da psicanálise*, n.4, São Paulo: Duetto Editorial, s.d., p. 22-29.

FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1969-70) *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____ (1964) *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PÊCHEUX, M. (1983) A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p.311-318.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 163-282.

RIBEIRO, M. A. C.O ensino da Psicanálise segundo Jacques Lacan. In: <http://www.gradiva.com.br/site/scripts/manita.htm>, acesso em 12/12/2007

RIOLFI, C. R. *O discurso que sustenta a prática pedagógica: formação de professor de língua materna*. 361f. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____ Criando o novo com as mesmas velhas palavras. Manuscrito, s.d.

TAVARES, C. et al. O Mágico do real, manusc., 2007. (Texto escrito para o curso de formação m psicanálise no instituto da Psicanálise lacaniana, IPLA.)

TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise*. 2^a. Ed. Porto Alegre: EDIPURS, 2005.

MALDIDIER, D. A Inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas: Pontes, 2003.